Abandonou a actividade jornalística para se dedicar a tempo inteiro à escrita e acaba de lançar um novo livro para jovens

Alice Vieira: A profissionalização de uma escritora

Isabel Fragoso

Alice confessa-se um pouco. Põe alguns pontos nos ii. Fala do seu último livro, de uma peça de teatro e de um novo projecto.

«Jornal de Letras» – «Os Olhos de Ana Marta» é um livro ainda mais amargurado do que outros seus anteriores. Acabei de o ler com lágrimas nos olhos. Se fosse criança choraria convulsivamente...

Alice Vieira – Mas o livro não é para crianças. O mal é esse. Eu nunca escrevi nada para crianças.

«JL» – Então há alguma confusão à roda do seu nome?

A.V. – Não é confusão. As pessoas acabam por pôr rótulos às coisas. Nunca fiz nada para crianças. Aconteceu que o meu primeiro livro teve um Prémio do Ano Internacional da Criança e penso que foi um pouco por isso que surgiu o rótulo da «criancinha». Quando digo que não escrevo nada para crianças é exactamente isso. Os livros são para serem lidos por pessoas mais crescidas. Aquilo que faço é literatura juvenil, se se quiser dar um rótulo às coisas, mas nunca literatura infantil. Digo isto muitas vezes porque se corre o risco de dar um livro não adequado a uma criança e ela nunca mais na vida pegar em outro, porque se assustou (tanto) com o que lhe deram... Isso pode ser contraproducente. Sou solicitada o ano inteiro para liceus e escolas secundárias, nunca para contactar com miúdos muito pequeninos. Para já, basta olhar para o tamanho dos livros para ver que um miúdo pequeno não «aguenta» um livro daquele tamanho. É logo uma primeira distinção.

«JL» – É um esclarecimento muito útil.

A.V. – Há coisas que me aborrecem, às vezes. Lembro-me de um *spot* publicitário, a propósito de uma colecção que se chama «Juvenil», que dizia: «para aqueles que já leram Alice Vieira, agora estes...». Fiquei danada porque a faixa etária é rigorosamente a mesma. É literatura juvenil. É aquela faixa para a qual acho que é preciso escrever. Há pouca gente a escrever para jovens. Para crianças existe uma infinidade de gente a escrever, e ainda bem, porque se ..elas ¡ não começam a ler logo de pequeninas não é mais tarde que vão ter gosto pela leitura. Mas, realmente, não é esse o meu público.

«JL» – Mas ainda a propósito da tristeza de «Os Olhos de Ana Marta», é ou não um livro mais amargurado do que os outros?

A.V. – Não me parece que seja amargurado. Não será de rir à gargalhada... O que me parece é que é um livro que tem a ver com realidades da vida que nem sempre são muito alegres. Nós temos muito esse hábito de pensar que a literatura para crianças, ou para jovens, deve ser sempre muito sorridente e contente e não nos preocupamos tanto em pensar que esses jovens e essas crianças passam a vida em meios realmente pouco agradáveis e suportam todas essas questões na pele, mas se a gente escreve um livro um pouco mais duro, digamos, é logo considerado... muito aflitivo. Acho que é um defeito nosso, dos portugueses, a nossa literatura infantil e juvenil é sempre muito contentinha, muito cor-de-rosa.

«JL» – Acha errado o apelo ao fantástico?

A.V. – Isso não acho mal. O fantástico é outra coisa. Acho é que há ainda um certo medo de abordar os temas normais, correntes, pouco simpáticos. Nas literaturas juvenis europeias – já que falamos tanto da Europa – isso é habitual. Europeias e não só. Podemos ir à Lygia Bojunga Nunes, do Brasil, Prémio Andersen; escreve das histórias mais violentas que tenho lido. Por exemplo, o de um escritor norueguês que foi Prémio Andersen este ano; os livros dele são coisas muito cruéis sobre miúdos que vivem em ambientes deprimentes. Portanto, isso é perfeitamente normal. As crianças e jovens vivem fora de casulos e temos de tentar ajudá-los a suportar essa vida (que não é muito sorridente nem contente) e a encarar as coisas da melhor maneira. Penso que, no fundo, é a nossa vida, com dias cinzentos e dias cor-de-rosa.

«JL» – E dá-lhes o doce de ter um final feliz. Faz questão disso?

A.V. – Faço questão. Tento não forçar muito, até porque, no fundo, sou uma pessoa optimista, e estaria contra a minha maneira de pensar se desse um final infeliz às histórias.

Temas ingratos

«JL» – Num dado contexto, a pequena narradora de «Os Olhos de Ana Marta» pode ser vista como uma figura um pouco moralista, porque é uma menina rica, mas infeliz, em contraponto com as meninas pobres mas felizes. Há um certo elogio da menina pobre.

A.V. – Não é bem o elogio da menina pobre, é sobretudo a menina rica que raciocina, que pensa que aquela pode não ser a melhor vida de todas. Não é o «pobrezinho mas honrado», que é uma coisa que me irrita, mas sim um pouco a reflexão de que às vezes só a prosperidade material não chega. Pode-se ter muita coisa, estar rodeada de muito bem-estar e, se calhar, falta o essencial, que é a harmonia, o amor entre as pessoas, a compreensão e que, neste caso, ela só vai encontrar na Leonor, a criada velha, que já criou o pai, cria-a a ela e lhe dá essa afectividade.

«JL» – Não tem receio de ser acusada de utilizar essa imagem batida «o dinheiro não traz felicidade»?

A.V. – Não, porque, no fundo, estamos sempre a escrever sobre imagens já batidas. Todas as histórias já estão escritas. A questão é a de que modo vamos pegar nessa história. Nas minhas histórias todas penso que há meninas ricas, pobrezinhas, remediadinhas. Esta história levou-me muito tempo a escrever. Foi uma história muito complicada de fazer. Levei, sei lá, praticamente dois anos para pôr este livro cá fora; enfim estive um ano sem fazer nada, é outra coisa, mas foi um prazo de dois anos em que não publiquei nada. Na escrita, este livro prolongou-se quase por um ano. A mim nunca me tinha acontecido. Pensei muito em escrevê-lo. Está muito próximo de mim tudo aquilo. Quando consegui pôr o ponto final senti-me muito liberta. Não é um livro triste, é um livro que encara as coisas. Sobretudo, diz-nos que, enquanto força de trabalho, uma pessoa é perfeitamente substituível. Conhece aquela história do Brecht que dizia «se o homem substituível morrer e ressuscitar ao terceiro dia não encontra para ele nem uma vaga de porteiro». Agora, as pessoas enquanto seres humanos são insubstituíveis. Portanto, quem vem a seguir não vem para o lugar de ninguém. É o que, no fundo, pretendo dizer nesta história.

«JL» – Já tinha abordado o tema da morte noutras obras?

A.V. – Já. Acho que é um dos temas tabu nos livros infantis. É abordado em livros didácticos para crianças muito pequeninas. Agora, abordá-lo em termos de ficção, penso que não se faz muito na literatura juvenil e acho importante fazê-lo porque as pessoas estão em contacto com a vida mas também com a morte. Penso que já tinha abordado o problema da morte no «Chocolate à Chuva»... Não! O «Chocolate à Chuva» é o divórcio. O divórcio e outras coisas. Na «Flor de Mel», por exemplo: trata-se da história de uma criança criada sem mãe... portanto também é o problema da morte que está em causa. No «Paulina ao Piano» não é bem o problema da morte, é mais o da reabilitação dos padrastos, figuras extremamente mal vistas nas histórias para crianças.

«JL» – A própria palavra...

A.V. – É uma palavra horrorosa. Tentei reabilitar o padrasto, pois acho que ainda é mais maltratado do que a madrasta. Quando estou a escrever um livro não estou a fazê-lo sob encomenda. Procuro que os jovens convivam com as realidades que os rodeiam; os nascimentos (também não é um tema muito falado) e as mortes; procuro pô-los a raciocinar e a viver o melhor possível neste mundo, que não é fácil.

Alice Vieira: uma opção profissional

Uma maneira muito especial de falar e de escrever para as crianças

«JL» — De que forma essas referências todas reflectem a sua própria infância?

A.V. — Muito. Estou sempre a escrever sobre a minha infância. Acho que estou sempre a escrever o mesmo livro, estou sempre a escrever a minha história. Má ou boa, a infância marca muito uma pessoa e ningém se pode desfazer dela. Para mim, tem sido um manancial inesgotável de coisas boas, de coisas más. Mas de qualquer maneira, as minhas histórias vão todas cair ou a ambientes, ou a pessoas, ou a histórias relacionadas com a minha infância. Em tudo que escrevo a influência dominante é realmeate a minha infância e depois, por outro lado, a infância, bastante diferente, dos meus filhos.

«JL» — Mas neste livro concretamente?

A.V. — Este tem muito mais a ver com a minha infância. É muito pessoal enquanto atmosfera; em determinadas personagens que aparecem, aquela fantasia toda, a do Príncipe Graciano — foi a primeira paixão da minha vida. A história em si não é propriamente minha, não fui eu que a vivi, embora a conheça, embora tivesse quase participado nela. Foi uma história que segui e à qual depois juntei novos elementos, ficcionando-os.

«JL» — Baralhar e tornar a dar?

A.V. — Mais ou menos.

«JL» — Abandonou o jornalismo?

A.V — Não abandonei o jornalismo, abandonei o «Diário de Notícias», que é outra coisa. O que abandonei foi o jornalismo com hora de entrada e saída, a presença diária num jornal. Estou agora a trabalhar em regime livre, o que «em bom português» se chama *free-lancer*, coisa que me dá muito mais disponibilidade. Não podia fazer outra coisa. Fui adiando a decisão, adiando, porque muitas coisas me ligam àquela casa, mas realmente não podia estar com as responsabilidades que tinha e, ao mesmo tempo, fazer a vida que fazia: andar praticamente todos os dias em escolas (no ano passado fui a oitenta e tal).

Era uma ginástica doida. Havia muita coisa que queria fazer e pensei «ou é agora ou nunca». Foi quando tomei a opção, que me custou muito, de deixar o «Diário de Notícias». Deixei-o mas continuo a trabalhar para lá, tenha uma crónica todos os meses, uma recensão de livros todas as semanas, isto fora as reportagens e entrevistas que me marcam de vez em quando.

Peça de teatro para o TEC

«JL» — Acabou de escrever uma peça de teatro, uma encomenda de Carlos Avilez. Qual é o título?

A.V. – Não sei. O Carlos Avilez estava com muita pressa em ter a peça pronta porque partiram em *tournée*. Escrevi-a numa semana, peguei no original tirei fotocópias e entreguei-o ainda sem título. Quando eles vierem ir-mos ver como se vai chamar a criança. Neste momento não sei. A peça é uma adaptação muito livre daquela história tradicional do pai que quer dividir o reino pelas três filhas. Porque se escolheu essa história? Porque, no fundo, é o tema do «Rei Lear», que o TEC tem em cena para adultos. Assim, seria uma maneira de dar teatro aos miúdos utilizando os mesmos cenários. Não é fazer um «Rei Lear» para os pequeninos, como é óbvio, mas de qualquer maneira é uma história com um tema semelhante.

«JL» — A Alice Vieira afastou-se do «DN» no princípio deste ano. Está a trabalhar em algum projecto?

A.V. — Acabei «Os Olhos de Ana Marta» (fins de Agosto), fiz a peça e agora estou a meio de uma história sobre a vila de Cascais. É feita um pouco no seguimento de que fiz com a «História de Portugal»: apanhar factos reais e ficcioná-los.

«JL» — Pode dizer-se que a Alice Vieira se profissionalizou em termos de escrita?

A.V. — Penso que sim. Não viverei exclusivamente dos livros, mas o dinheiro com que vivo não é o que me paga o jornal. Neste momento tenho 14 livros publicados, com várias edições, cá e no estrangeiro, mas só agora consegui deixar o jornal, e mesmo assim... Até aqui não foi possível. Viver da escrita é muito complicado. As reedições em termos financeiros são como publicar um livro novo. Ganho cito por cento da edição...

«JL» — O normal não são dez por cento?

A.V. — São, em outras condições. Fiz um acordo com a editora, logo de princípio e nessa altura foi um risco para eles porque no primeiro livro não sabiam se iam vender muito ou pouco. Neste momento já não é risco para ninguém, mas de qualquer modo a gente dá-se bem assim com este «casamento». A editora dá-me cito por cento do total da edição. Normalmente os escritores entregam o original e recebem dez por cento de metade e depois recebem mais outra metade não sei quando, ou em terços. Eu prefiro receber logo os oito por cento da edição toda.

«JL» — Falou em correr riscos. A Alice Vieira foi responsável em grande parte pelo *boom* de literatura juvenil portuguesa, que se desencadeou há uns anos a esta parte, projectando também a sua editora para um lugar cimeiro em termos de vendas. Sente-se de algum modo lesada pela máquina de propaganda que a editora colocou ao serviço de outros autores posteriormente ao seu sucesso?

A.V. — Não. Já não sou um risco para ninguém, mas já o fui. Publica-se muita coisa má, mas também se publica muita coisa boa. Penso que a literatura, toda ela, vive de coisas boas e más. Fartei-me de ler livros maus quando era miúda e adorei. Penso que um livro cumpre sempre uma missão e se a gente gosta muito de ler um livro, isso é bom. Mesmo que ele não seja um bom livro. Ao crescermos vamos fazendo uma escolha, uma triagem, Mas o que é preciso, realmente, é ler. Mas não me sinto nada lesada. É óptimo que se faça publicidade para outros livros infantis e juvenis — é alargar o mercado e penso que isso vai beneficiar todos os outros autores. E quantas mais editoras houver a publicar livros para jovens melhor. Penso que agora se abusa de determinado género, isso é outra coisa. As editoras vêem que «o que está a dar »é a aventura, e o género está tão explorado que é extremamente difícil fazer qualquer coisa original. O *boom* desse tipo de literatura é que me parece mal. Parece-me que há determinadas editoras — não é o caso da que me publica — que só editam esse tipo de livros. Isso é que me parece mal. Faz com que as pessoas que começam agora a escrever sejam empurradas para a escrita de um determinado tipo de livros. Tenho feito parte de júris de concursos de literatura infantil e juvenil e constato que é tudo igual; as pessoas escrevem quase só aquela literatura detectivesca, muito mal escrita, muito mal feita.

«JL» — Deve estar para acontecer uma recessão...

A.V — Há pois, com certeza! É como o *rock* português. Não há mercado para tanta aventura.

LUSITANIA
A JOURNAL OF REFLECTION & OCEANOGRAPHY
VOLUME I NUMBER 1 FALL 1990
KULTURA CONTROL

A ARTE • O CAPITAL
O PÚBLICO • O PRIVADO • O MUSEU • OS MEDIA
A FANTASIA • O OUTRO
A SUA MÃE

textos originais e ilustrados de 14 críticos e artistas de Nova Iorque
128 páginas bilingues
1000 escudos

destribuida nos E.U.A., em Portugal, e no Brasil. À venda em Paris.

exclusivo em Portugal
ASSÍRIO & ALVIM
Rua Passos Manuel, 67-B, 1100 Lisboa
Tel. 55 55 80

LUSITANIA PRESS
Martim Avilez
Editor